



15 E 16 DE
NOVEMBRO DE 2024

Casa Municipal da Cultura de
Coimbra

COIMBRA, HISTÓRIA E PATRIMÓNIO
COLÓQUIOS

Participação gratuita sujeita a inscrição

Informações e inscrições:
biblioteca@cm-coimbra.pt
tel. 239 702 630

Organização:



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA



NO DA
CIDADE
A LER
CONSIGO



CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA



fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

UIDB/00311/2020



1 2 9 0
FACULDADE DE LETRAS
E CIÊNCIAS HUMANAS
DE COIMBRA

Programa

SEXTA-FEIRA | 15.11

09h00 | Abertura

Francisco Queirós (Vereador da CMC)
José Pedro Paiva (Coordenador Científico do CHSC, FLUC)

09h30-10h30 | Sessão 1

Moderação: Luísa Trindade (CHSC, FLUC)
Ricardo Costeira da Silva (CEIS20, FLUC)

Sob Coimbra: um roteiro pela Aeminiun romana

Maria Helena da Cruz Coelho (CHSC, FLUC)

Desafios sociais e económicos decorrentes da presença do Estudo e dos escolares na cidade de Coimbra durante o século XIV

10h30 | Coffee break

11h00-12h00 | Sessão 2

Moderação: Rui Paiva de Carvalho (DBAH, CMC)
Mariana Barreira (CHSC, FLUC)

Entre a Vida e a Morte: A paróquia medieval de São Bartolomeu de Coimbra vista pelo Timelink

Ana Maria Silva (CIAS, DCV-FCTUC)

Vida e doença em Coimbra do passado: as evidências esqueléticas

12h00 | Debate

12h30 | Almoço livre

COIMBRA, HISTÓRIA E PATRIMÓNIO | 1

14h30-16h00 | Sessão 3

Moderação: Maria Amélia Campos (CHSC, FLUC)

Joana Antunes (CEAACP, CHSC, FLUC)

Altos e baixos: desafios do espaço coral na Sé Velha de Coimbra (sécs. XIV-XVII)

Paulo Estudante (CECH, FLUC)

Reconstruindo o tecido musical urbano dos séculos XVI e XVII: vozes e instrumentos na Sé de Coimbra

Ana Filipa Gomes (FLUC)

Entrever comportamentos e devoções na paróquia de Santa Justa de Coimbra (c. 1591-1758)

16h00 | Coffee break

16h30-17h30 | Sessão 4

Moderação: Jorge Cravo (DBAH, CMC)

Ana Margarida Dias da Silva (CHSC, DCV-FCTUC)

O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: um palimpsesto vivo no coração da cidade

Margarida Relvão Calmeiro (CHSC, FLUC, Itecons)

Modernização da cidade na segunda metade do século XIX e início do século XX: desígnios e concretizações

17h30 | Debate

09h00-10h00 | Sessão 5

Moderação: Francisco Queirós (Vereador da CMC)

Raquel Santos (Chefe do GA, CMC) e Sérgio Madeira (GA, CMC)

Contributos da Arqueologia no conhecimento do Território do Município de Coimbra

Elisabete Carvalho (Chefe da DM, CMC)

A cidade revisitada através dos seus museus

Alexandra Firmo e Jorge Cravo (DBAH, CMC)

Gabinete de História da Cidade, um espaço de memórias para o futuro

10h30 | Apresentação do Volume XLV do Arquivo Coimbrão - Boletim da Biblioteca Municipal

Dina de Sousa (Chefe da DBAH, CMC) e Maria Manuel Almeida (Equipa Editorial do Arquivo Coimbrão)

11h00 | Visita à Biblioteca Municipal de Coimbra

11h30 | Coffee Break

12h00 | Placing the past: mapping as a medium for exploring our medieval urban heritage

Conferência de Encerramento: Keith D. Lilley (Queen's University Belfast)

Moderação: Luísa Trindade (CHSC, FLUC)

13h00 | Almoço livre

14h30 | Visita guiada

Sé Velha | Orientação - Joana Antunes (CEAACP, CHSC, FLUC)

Torre de Almedina | Orientação - Luísa Trindade (CHSC, FLUC)

Praça do Comércio | Orientação - Maria Amélia Campos (CHSC, FLUC)

Hospital Real | Orientação - Ana Rita Rocha (IHC e IEM, NOVA FCSH, CHSC, FLUC)

Mosteiro de Santa Cruz | Orientação - Joana Antunes (CEAACP, CHSC, FLUC) e Margarida Relvão Calmeiro (CHSC, FLUC, Itecons)

SIGLAS:

CEAACP: Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

CECH: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

CEIS20: Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra

CHSC: Centro de História da Sociedade e da Cultura

CIAS: Centro de Investigação em Antropologia e Saúde

CMC: Câmara Municipal de Coimbra

DBAH: Divisão de Bibliotecas e Arquivo Histórico

DCV-FCTUC: Departamento de Ciências da Vida – Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

DM: Divisão de Museologia

FLUC: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FLUL: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

GA: Gabinete de Arqueologia

Sumário

Sob Coimbra: um roteiro pela <i>Aeminium</i> romana	4
Desafios sociais e económicos decorrentes da presença do Estudo e dos escolares na cidade de Coimbra durante o século XIV	5
Entre a Vida e a Morte: A Paróquia medieval de São Bartolomeu de Coimbra vista pelo <i>Timelink</i>	6
Vida e doença em Coimbra do passado: as evidências esqueléticas	7
Altos e baixos: desafios do espaço coral na Sé Velha de Coimbra (sécs. XIV-XVII).....	8
Reconstruindo o tecido musical urbano dos séculos XVI e XVII: vozes e instrumentos na Sé de Coimbra.....	9
Entrever comportamentos e devoções na paróquia de Santa Justa de Coimbra	10
O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: um palimpsesto vivo no coração da cidade	11
Modernização da cidade na segunda metade do século XIX e início do século XX: Desígnios e concretizações	12
Contributos da Arqueologia no conhecimento do Território do Município de Coimbra	13
A cidade revisitada através dos seus museus	14
Gabinete de História da Cidade, um espaço de memórias para o futuro	15
Apresentação do Volume XLV do Arquivo Coimbrão - Boletim da Biblioteca Municipal	16
Placing the past: mapping as a medium for exploring our medieval urban heritage	17
Visitas Guiadas Orientadoras.....	18
Ana Rita Rocha (IHC e IEM, NOVA FCSH, CHSC, FLUC).....	18
Luísa Trindade (CHSC, FLUC)	18
Maria Amélia Álvaro de Campos (CHSC, FLUC).....	18

Sob Coimbra: um roteiro pela *Aeminium* romana

Ricardo Costeira da Silva (CEIS20, FLUC)¹

Resumo:

Aeminium foi o nome de Coimbra em época romana. Fundada como cidade ao tempo de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), o primeiro imperador de Roma, foi uma das cidades mais importantes do Norte da província romana da Lusitânia. Essa importância resultou do facto de se situar num corredor natural de sentido Sul/Norte, e entre as planuras abertas ao oceano, ligando-a ao vasto Império, e o interior montanhoso, por onde corriam rios (sobretudo o Alva), cujas areias eram ricas em ouro. O antigo povoado da Idade do Ferro renova-se por completo e surge como cidade romana por volta da mudança de era. *Aeminium* terá atingido uma extensão de 20 hectares, ocupados por vários edifícios públicos e privados cujos restos permanecem ocultos sob a atual Alta de Coimbra. As transformações foram profundas. Uma nova língua, uma moeda única, intercâmbios comerciais com todo o espaço do Império, novas leis e novas formas de organizar e administrar o território e várias novidades em termos de técnicas, materiais e processos de construção. Mas, após 2000 anos, o que restou? O que é que resistiu ao desgaste dos tempos e ao estrago dos homens? São essas importantes marcas que subsistem desta presença mais recuada da cidade que servem de ponto de partida para a descoberta de *Aeminium* encoberta pela Coimbra atual.

¹ Breve nota biográfica:

Ricardo Costeira da Silva, Doutorado em Arqueologia. Professor Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra (CEIS20). No decurso da sua atividade profissional, coordenou várias intervenções arqueológicas, especialmente em meio urbano, das quais se destacam as intervenções arqueológicas relacionadas com o projeto de renovação e ampliação do Museu Nacional Machado de Castro (Fórum e Criptopórtico da cidade romana de *Aeminium* e antigo Paço Episcopal de Coimbra) entre 2003 e 2011. O projeto de investigação elaborado para este local tornou-se na base do seu programa de doutoramento - concebido para explorar este sítio arqueológico numa perspetiva holística e com base num horizonte cronológico de longa diacronia - dos séculos I a XVII. Atualmente desenvolve projetos de investigação científica no campo da arqueologia romana (nomeadamente a coordenação de projeto na cidade romana de *Conimbriga*), e sobre a cultura material do período de expansão portuguesa no estrangeiro (séculos XV e XVI).

Desafios sociais e económicos decorrentes da presença do Estudo e dos escolares na cidade de Coimbra durante o século XIV

Maria Helena da Cruz Coelho (CHSC, FLUC)²

Resumo:

Na Coimbra, cidade-“capital” política do reino de Portugal até D. Afonso II, cidade-diocese, com a sua catedral e prelado e uma estruturada e coesa rede colegial e paroquial, cidade-concelho, sede de um ancestral poder local e de arraigados usos e costumes, veio a instalar-se um outro poder, o da Universidade, com os seus mestres, escolares e oficiais. D. Dinis fundou o Estudo Geral em Lisboa no ano de 1290, mas a instituição será mudada para Coimbra em dois períodos do século XIV, de 1308 a 1338 e de 1354 a 1372. Os monarcas irão privilegiar largamente a instalação dos escolares e o seu abastecimento na urbe conimbricense, o que será analisado. Pretende-se, porém, sobremaneira, sopesar os desafios sociais e económicos, mais pacíficos ou turbulentos, colocados à mercantil e socialmente hierarquizada cidade de Coimbra pela presença do Estudo e dos escolares na centúria de Trezentos.

² Breve nota biográfica:

Maria Helena da Cruz Coelho é Professora Catedrática aposentada da FLUC e Investigadora Integrada do Centro de História da Sociedade e da Cultura. É Presidente da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais e Vice-Presidente da Academia Portuguesa da História. Pertence a diversas Academias (das Ciências de Lisboa, de Marinha, da Real Academia de la Historia, Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro- Rio de Janeiro; Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina) e outras Comissões nacionais e internacionais. Faz parte da Comissão Científica de várias Revistas portuguesas e estrangeiras. Participa em Projetos de Investigação nacionais e estrangeiros. Leccionou em várias Universidades brasileiras e europeias.

Esteve presente em cerca de sete centenas de reuniões científicas no país e no estrangeiro (Espanha, França, Itália, Inglaterra, Escócia, Bélgica, Áustria, Alemanha, Grécia, República Checa, Noruega, ex-URSS, USA, Canadá, Brasil, Argentina, Marrocos, Cabo Verde). Conta com mais de trezentas publicações, entre livros, capítulos de livros, artigos, prefácios, resenhas, notícias, entradas em Dicionários, alguns traduzidos em russo, espanhol, francês, italiano, inglês e alemão.

A sua investigação incide sobre as mais diversas temáticas do período medieval, com destaque para a historiografia, história política, social, religiosa, institucional, económico-social, biografia, poder local, mundo rural e urbano, alimentação, quotidiano.

Recebeu oito prémios da Academia Portuguesa da História e o Prémio Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian (1990). Foi agraciada pelo Presidente da República com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (2011).

Entre a Vida e a Morte: A Paróquia medieval de São Bartolomeu de Coimbra vista pelo *Timelink*

Mariana Barreira (CHSC, FLUC)³

Resumo:

Tendo em consideração a revolução digital vivida, a História, enquanto disciplina fundamental das Humanidades, tem procurado incorporar métodos e ferramentas digitais nas suas práticas de investigação. Neste sentido, o Projeto Exploratório intitulado "COMMEMORTis - O que sobrevive depois da morte? Comunidades paroquiais e estratégias de comemoração dos mortos na cidade medieval" teve como objetivo avaliar a eficácia de uma ferramenta computacional, o *Timelink*, na análise das dinâmicas de duas paróquias urbanas medievais, nomeadamente São Bartolomeu e Santiago de Coimbra. O presente estudo pretende mostrar o trabalho de análise desenvolvido concernente à colegiada e paróquia medieval de São Bartolomeu. A partir de documentação avulsa da colegiada e da cidade de Coimbra, procurámos deslindar parte da história desta instituição e do seu património, analisando do ponto de vista socioeconómico as três comunidades acolhidas por São Bartolomeu: a eclesiástica, a laica e as pessoas que se faziam celebrar na paróquia, revelando o quotidiano medieval ribeirinho de Coimbra. Finalmente, com base no Obituário de São Bartolomeu, a nossa fonte primordial, observámos a conjuntura da morte nesta instituição, evidenciando as doações materiais que ligavam a vida e a morte. O estudo que nos propomos a apresentar contribuiu de forma válida e útil à caracterização socioeconómica de uma paróquia urbana, a uma microescala, contudo, reforçamos a ideia de que este é um trabalho em aberto, pois, enquanto houver documentação a acrescentar e novos dados a inserir no sistema de gestão de informação, surgirão sempre interrogações e problemas a lançar a estas populações.

³ Breve nota biográfica:

Mariana Barreira é mestre em História da Idade Média, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A sua investigação tem-se centrado nas estratégias de comemoração dos mortos e nas comunidades paroquiais da cidade medieval. Foi mestranda e bolsista de investigação no Projeto Exploratório COMMEMORTis – *O que sobrevive depois da morte? Comunidades paroquiais e estratégias de comemoração dos mortos na cidade medieval*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Atualmente, leciona História A e continua a desenvolver investigação nas áreas de História Social e Urbana da Idade Média.

Vida e doença em Coimbra do passado: as evidências esqueléticas

Ana Maria Silva (CIAS, DCV-FCTUC)⁴

Resumo:

Os restos ósseos e dentários constituem uma fonte inestimável para a compreensão do passado humano. Dados tão variados como o perfil demográfico, o padrão de mortalidade, indicadores de stress fisiológico, sinais de doenças e lesões podem ser inferidas através do seu estudo. Estes, por sua vez, reflectem a adaptação dos indivíduos ao seu ambiente cultural e físico.

Nos últimos 25 anos foram exumados esqueletos de diversos locais na cidade de Coimbra, incluindo o cemitério da Rua Joaquim António de Aguiar (Alta), junto à Sé Velha, na Praça do Comércio, no Convento de Santa Clara e na Igreja Românica de S. João de Almedina (Museu Nacional Machado de Castro). Através da sua análise detalhada, acedemos a partes da vida destes indivíduos, como a sua dieta, cuidados de higiene, estilos de vida para além de algumas enfermidades de que padeceram.

Em suma, pretende-se dar a conhecer um pouco melhor os indivíduos que viveram e morreram em Coimbra nos últimos 700 anos.

⁴ Breve nota biográfica:

Ana Maria Silva é Professora Associada com Agregação do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra e responsável pelo Laboratório de Pré-história do Centro de Investigação em Antropologia e Saúde.

A sua investigação tem-se focado na reconstrução da vida das populações humanas do passado. A interacção destas comunidades com o ambiente onde viveram é explorada através da sua demografia, morfologia, padrões de saúde, lesões e indicadores de stresse fisiológico. Mais recentemente, a pesquisa estendeu-se aos dados biomoleculares, como o ADN antigo e os isótopos estáveis. Esta estratégia tem permitido aceder a informações sobre a dieta, relações de parentesco, afinidades biológicas e mobilidade, de modo a completar a caracterização das populações humanas que viveram na Península Ibérica desde a Pré-história.

É autora de mais de 100 artigos científicos internacionais ou nacionais e 23 Capítulos de Livros com Edição Internacional ou Nacional, entre outras publicações.

Altos e baixos: desafios do espaço coral na Sé Velha de Coimbra (sécs. XIV-XVII)

Joana Antunes (CEAACP, CHSC, FLUC)⁵

Resumo:

Equipamento indispensável ao funcionamento orgânico e litúrgico de uma catedral, o coro constitui, ao longo das épocas medieval e moderna, um espaço de excepção e de exclusividade, no contexto de uma paisagem eclesial, ela própria, muito mais saturada e compartimentada do que aquilo que a nossa experiência presente da igreja-monumento possa fazer supor.

Se analisar a localização, o funcionamento e as sucessivas renovações deste mesmo equipamento já representa um desafio notável no contexto de qualquer tentativa de reconstituição do espaço interno da Sé Velha de Coimbra do passado, mais exigente se torna quando a documentação aponta no sentido da (co)existência de dois coros.

Ora apenas intuída, ora altamente provável, ora mais do que certa, consoante as épocas e as respectivas fontes documentais, esta existência simultânea merece um renovado esforço de sistematização e problematização, depois do inestimável contributo de Paulo Varela Gomes e a partir dos dados levantados no contexto do projecto “Ver o que o passado (ou)viu. Reconstituição espacial e acústica da Sé Velha de Coimbra (séc. XVI)”.

É, portanto, no vai-e-vem entre um coro alto e um coro baixo que se inscrevem as hesitações, as hipóteses e as propostas decorrentes da investigação em curso que procuraremos partilhar nesta comunicação.

⁵ Breve nota biográfica:

Joana Antunes é Professora Auxiliar de História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É investigadora do Grupo de Estudos Multidisciplinares em Arte do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP-GEMA) e colaboradora do Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC), no âmbito dos quais desenvolve a sua actividade científica na área da história da arte e, particularmente, da iconologia das épocas medieval e moderna. Doutorada em História da Arte pela FLUC (2016), com a tese intitulada *O Limite da Margem na Arte em Portugal (sécs. XIV-XVI)*, mais recentemente tem dedicado particular atenção investigativa ao universo dos patrimónios (in)visíveis, nos quais se inscreve a reconstituição espacial e artística da arquitectura medieval e moderna.

Reconstruindo o tecido musical urbano dos séculos XVI e XVII: vozes e instrumentos na Sé de Coimbra

Paulo Estudante (CECH, FLUC)⁶

Resumo:

A Universidade de Coimbra, seja pelo estudo aprofundado (e restauro) dos manuscritos e impressos musicais conservados na sua Biblioteca, seja pela reconstituição e compreensão cuidada dos espaços e equipamentos litúrgicos das principais casas religiosas da cidade, seja pela construção monográfica das várias instituições, seja pelo mapeamento das principais artérias, edifícios e lugares percorridos pelas muitas procissões de outrora, tem procurado coligir informação que permita, paulatinamente, reconstituir o que poderá ter sido o tecido musical da cidade durante os séculos XVI e XVII. A presente apresentação concentra-se sobre outra das “peças do puzzle”, o jogo entre vozes e instrumentos na liturgia das principais festas religiosas da cidade, em particular na Sé de Coimbra.

⁶ Breve nota biográfica:

Professor associado na área de Estudos Musicais. Coordenador da Licenciatura em Estudos Artísticos. Investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da Universidade de Coimbra, onde coordenado o grupo de investigação Mundos e Fundos. Mundos metodológico e interpretativo dos Fundos musicais. Membro igualmente dos grupos de investigação internacionais Lexique Musical de la Renaissance (CERS, U. Lorraine), Tratados Musicales en Español | TraMusE (U. Salamanca), and Contrapunto. The Renaissance Musical Work: Foundations, repertoires and practices (U. Valladolid). Paulo Estudante está actualmente focado na co-coordenação de três projectos: Restauro das fontes musicais da Universidade de Coimbra (desde 2019), Ver o que o passado (ou)viu. Reconstrução espacial e acústica da Sé Velha de Coimbra no século XVI (desde 2020), e Bridging Musical Heritage. Shaping creativity today by reconnecting cultures from the past (desde 2022). Os seus principais interesses de investigação, actualmente, têm se concentrado em torno (1) do estudo de fontes, em particular as pertencentes ao património musical português anterior ao século XIX; (2) da filologia do documento musical, (3) da contextualização social e cultural da prática musical europeia anterior ao séc. XIX, (4) das práticas musicais (nomeadamente as instrumentais) no espaço litúrgico católico.

Entrever comportamentos e devoções na paróquia de Santa Justa de Coimbra

Ana Filipa Gomes (FLUC)⁷

Resumo:

Este estudo pretende analisar as principais preocupações dos visitantes da paróquia de Santa Justa de Coimbra e entrever as circunstâncias em que esta se encontrava, em termos de conduta clerical e dos fiéis, de alfaias litúrgicas e estado da igreja, entre os séculos XVII e XVIII. A aplicação das normas tridentinas em Portugal pressupôs o controle e a modelação de características comportamentais das comunidades católicas, alterações nos comportamentos e práticas, nos espaços de culto e nas cerimónias religiosas. Cabia aos visitantes averiguar o cumprimento destas e outras obrigações. Mas, quais as suas principais preocupações? A interpretação dos comportamentos de eclesiásticos e seculares na paróquia de Santa Justa não reflete a interiorização das novas regras. Será isto uma expressão de resistência, incompreensão ou um contínuo processo de modelação comportamental? A resposta a estas e outras questões será sustentada pela leitura cruzada dos Capítulos de Visita de Santa Justa (1641-1738) e de São Bartolomeu (1616-1739) de Coimbra, das Constituições Sinodais de Coimbra de 1731 e das Memórias Paroquiais de 1758, bem como pela compreensão de um vasto leque de obras de diversos autores que já se debruçaram sobre estes problemas.

⁷ Breve nota biográfica:

Ana Filipa Gomes é natural de Lamego, licenciada em História com Menor em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo concluído este ciclo de estudos com 17 valores. Frequentou os cursos livres de Religiões Abraâmicas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; foi membro da organização executiva do seminário ReformART e participante no projeto Jornadas de Iniciação à Investigação Científica. É, atualmente, moderadora no projeto Comissão Histórica e estudante no Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário na mesma faculdade.

O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: um palimpsesto vivo no coração da cidade

Ana Margarida Dias da Silva (CHSC, DCV-FCTUC)⁸

Resumo:

Em 1772, Coimbra e a sua universidade ganhavam um jardim, um horto botânico que não se queria de príncipes, mas um lugar simultâneo de aprendizagem e de lazer, de encontro entre natureza e conhecimento. Um local, enquadrado, organizado, que permitisse o conhecimento das plantas do país e do mundo, numa harmonia entre formar as mentes ilustradas e informar as mentes curiosas. Hoje, para além de uma coleção viva, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra é um espaço de memórias biológicas e humanas, culturais e patrimoniais, individuais e coletivas, pessoais e institucionais, dos mais de 250 anos que passam sobre a data da sua fundação, como se de um palimpsesto vivo se tratasse. Mais de dois séculos e meio de um mesmo espaço, um mesmo suporte, que se reescreve ao sabor das estações e da vontade dos homens: árvores que são plantadas e madeiras que caem sem vida, espaços e caminhos redesenhados, estátuas erguidas, estufas acrescentadas e destruídas, edifícios construídos e remodelados. E se na natureza nada se perde e tudo se transforma, também os resultados da atividade humana são passíveis de transformação, apropriação e reutilização, onde a cultura, o património e a memória formam camadas sobre camadas de reescrita de conhecimento, de imaginação e de informação. O objetivo da presente comunicação é resgatar as memórias deste palimpsesto vivo que é hoje o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, o que é possível através dos arquivos associados aos processos de produção de conhecimento botânico e que se preservaram até hoje.

⁸ Breve nota biográfica:

Ana Margarida Dias da Silva, arquivista desde 2004, tem trabalhado em arquivos públicos e privados, sobretudo na cidade de Coimbra. Atualmente, é técnica superior no Arquivo do Departamento das Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. Doutorada em Ciência da Informação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a tese: “O sistema de informação Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: perspetiva sistémica e visão holística da informação”; mestre em Ciências da Informação e Documentação, especialização em Arquivística, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A sua dissertação de mestrado “O uso da Internet e da Web 2.0 na difusão e acesso à informação arquivística: o caso dos arquivos municipais portugueses” venceu o 1º Prémio Olga Gallego de Investigación en Archivos (2015).

Modernização da cidade na segunda metade do século XIX e início do século XX: Desígnios e concretizações

Margarida Relvão Calmeiro (CHSC, FLUC, Itecons)⁹

Resumo:

Um pouco por toda a Europa o século XIX foi marcado pela expansão e transformação radical das cidades que levaram à afirmação do urbanismo enquanto área disciplinar e à criação de estruturas e práticas de gestão urbana como prática corrente e institucionalizada, no contexto nacional, ainda que com um ligeiro atraso e noutra escala este processo de modernização também ocorreu. Coimbra, sede da única universidade portuguesa e em diálogo com as principais cidades europeias, foi palco de um conjunto arrojado de planos e de intenções de reforma e expansão da cidade. O processo de conceção e concretização foi hesitante e lento, em grande medida pela reduzida dimensão da cidade e pela sua monofuncionalidade que limitavam a existência de capital privado e a urgência das intervenções. Produto de uma constante negociação entre a vontade municipal e o poder central, entre as debilidades financeiras e a capacidade técnica, a cidade na década de 1870 levou a cabo o primeiro levantamento rigoroso da cidade e deu início a um processo de transformação radical do tecido urbano, dando resposta os problemas mais urgentes de insalubridade e propondo soluções mais arrojadas de embelezamento e progresso, introduzindo os modernos equipamentos e infraestruturas. Pretendemos aqui expor e analisar este processo de transformação a partir do estudo de um conjunto de planos e projetos que definiram a reforma e a expansão do tecido urbano e que ditaram a configuração e a imagem da cidade atual.

⁹ Breve nota biográfica:

Margarida Relvão Calmeiro, licenciada em Arquitetura (2005) e doutorada em Teoria e História da Arquitetura pela Universidade de Coimbra (2015) é arquiteta e investigadora no Itecons-Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico para a Construção, Energia, Ambiente e Sustentabilidade. É ainda professora auxiliar convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora auxiliar convidada do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da mesma universidade, no projeto *Landscape Together*, financiado pelo programa Europa Criativa (2023-2026). É membro integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC-UC). A sua investigação incide sobre os processos e práticas de planeamento das cidades e do território português e sobre políticas e estratégias urbanas, com enfoque nas questões da salvaguarda do património e reabilitação urbana e do desenvolvimento sustentável, arquitetura regenerativa e circularidade. É autora do livro *Urbanismo antes do Planos: Coimbra 1834-1934* (Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2021).

Contributos da Arqueologia no conhecimento do Território do Município de Coimbra

Raquel Santos (Chefe do GA, CMC) | Sérgio Madeira (GA, CMC)¹⁰

Resumo:

A posição geoestratégica do território de Coimbra, encaixado na zona de transição das serranias interiores com os campos férteis do Mondego, subjugados pela bacia hidrográfica do Mondego, foram fatores determinantes na implantação dos mais variados núcleos populacionais, que se instalaram ao longo dos séculos, próximos da via fluvial e das principais redes viárias conhecidas desde a época romana. No sopé da colina da cidade de Coimbra existia um verdadeiro nó de comunicação da via flúvio-marítima com as vias terrestres romanas que, interligam a orla marítima no litoral, o interior, o sul e o norte, designadamente com a bifurcação da estrada entre *Olisipo* e *Bracara Augusta* (Lisboa -Braga), e o caminho para o interior, por Bobadela. Atualmente estão georreferenciados na Planta de Ordenamento do PDM 79 Sítios Arqueológicos e 349 imóveis identificados como património edificado de interesse cultural, cujas intervenções que incidam sobre os mesmos estão salvaguardadas no Regulamento do PDM e do RMUE. Na plataforma de SIG_ **SIGArq**[ueologia], além da georreferenciação dos Sítios Arqueológicos, registam-se ainda os resultados obtidos em trabalhos arqueológicos desenvolvidos na área do Município.

O centro histórico de Coimbra tem vivido neste primeiro quartel do século XXI o que poderá ser designado e reconhecido como uma “revolução da Arqueologia”. Para além dos trabalhos desenvolvidos pelos responsáveis pelos estudos de Arqueologia na Autarquia, múltiplos e crescentes trabalhos arqueológicos têm sido desenvolvidos por empresas e arqueólogos em nome individual, contribuindo para a atualização do conhecimento, confirmando e invalidando certas teses e/ ou abrindo caminho a novas realidades. Nesta conformidade, a arqueologia urbana tem vindo a impor-se, acompanhando crescentemente as dinâmicas do urbanismo e fomentado a proximidade entre arqueólogos e cidadãos, numa relação cada vez mais de aprendizagem e respeito mútuo.

¹⁰ Breves notas biográficas:

Sílvia Raquel Ribeiro dos Santos, licenciatura em História - Variante de Arqueologia (FLUC, 1998). Pós-graduação em Evolução humana (FCTUC, 2005). Especialização Arqueologia do Território, (FLUC, 2013) Arqueóloga no Município de Coimbra desde 2002. Coordenadora do Gabinete de Arqueologia, Arte e História da Câmara Municipal de Coimbra, entre janeiro de 2004 e 11 de setembro de 2011. Dirigente de 3.º grau do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Coimbra, desde 1 de janeiro de 2023.

Sérgio Pedro Freitas Madeira licenciado em História - Variante de Arqueologia / Ramo de Formação Educacional (FLUC, 2002) e Mestre em Arqueologia e Território, com Dissertação afeta à temática da Arqueologia Urbana (FLUC, 2012). Desempenha funções de Técnico Superior como Arqueólogo na Câmara Municipal de Coimbra desde 2003.

A cidade revisitada através dos seus museus

Elisabete Carvalho (Chefe da DM, CMC)¹¹

Resumo:

Os museus de Coimbra, muito diversos, são pontos essenciais para a descoberta da História da cidade. Por serem pequenos núcleos oferecem experiências mais íntimas e personalizadas aos visitantes, proporcionando informações especializadas em áreas específicas da História, Arte ou Ciência, oferecendo a oportunidade de explorar cada um dos temas de forma mais detalhada, mas complementar para a construção de uma história identitária de Coimbra.

A apresentação pretende demonstrar a importância dos museus de Coimbra na perceção da História da cidade. De modo a ir ao encontro dos vários interesses dos visitantes, serão também apresentados de acordo com as diferentes tipologias, como as Casa-Museu, os museus de carácter religioso, os museus dedicados à arte, entre outros, sem deixar de lado os centros culturais dedicados às expressões mais contemporâneas.

¹¹ Breve nota biográfica:

Elisabete Carvalho exerce funções de Chefe de Divisão de Museologia, que gere a manutenção, o funcionamento e a programação de seis núcleos museológicos distintos: Edifício Chiado | Coleção Telo de Moraes; Torre de Almedina | Núcleo da Cidade Muralhada; Torre de Anto | Núcleo da Guitarra e do Fado de Coimbra; Sala da Cidade – Antigo Refeitório de Santa Cruz | Exposições temporárias; Edifício da Inquisição | Núcleo Coimbra Judaica e Centro de Arte Contemporânea de Coimbra.

Exerceu funções de coordenadora dos Serviços de Museologia de julho de 2014 até julho 2019. Foi coordenadora da primeira Equipe de Projeto do Convento de São Francisco (2012 a 2014). Transitou para a Divisão de Museologia em junho 2008, onde foi responsável pela Credenciação do Museu Municipal de Coimbra e pela recolha e organização dos acervos relativos ao Antigo Carro Elétrico em Coimbra. Exerceu funções de coordenadora da gestão e programação do Pavilhão Centro de Portugal protocolada com a Fundação de Serralves (2004 a 2008). Integrou a organização da Coimbra 2003 - Capital Nacional da Cultura (2002 a 2003) Exerceu funções de coordenadora da gestão e programação da Casa Municipal da Cultura (até 2002). Ingressou na Carreira Técnica Superior em outubro 1998. Iniciou a sua atividade na Câmara Municipal de Coimbra, na categoria de Técnica Auxiliar de Ação Cultural, em abril de 1988.

Gabinete de História da Cidade, um espaço de memórias para o futuro

Alexandra Firmo (DBAH, CMC) | Jorge Cravo (DBAH, CMC)¹²

Resumo:

O Gabinete de História da Cidade recebeu o nome do Dr. José Pinto Loureiro, que foi um grande impulsionador da criação e organização da Biblioteca Municipal de Coimbra, assim como da atribuição do benefício do Depósito Legal a este serviço municipal.

Este fundo reveste-se de particular importância pois disponibiliza, aos seus leitores, documentação sobre a história local, o património histórico e cultural, bem como de personalidades de relevo da cidade de Coimbra.

Em permanente atualização, a sua coleção é constituída por documentos impressos, manuscritos, iconográficos, cartográficos e audiovisuais.

Incluem-se, nos documentos impressos, monografias sobre a história local, biografias sobre personalidades coimbricenses ou, que não o sendo, viveram parte da sua vida nesta cidade, assim como obras literárias que a ela se refiram. Existem também folhetos, panfletos, cartazes, brochuras diversas e roteiros de cariz local.

Entre os documentos manuscritos encontram-se em maior número os que pertencem ao Epistolário da Biblioteca Municipal e ao Fundo António Augusto Gonçalves.

Esta coleção integra alguns documentos iconográficos, nomeadamente as estampas coimbrãs, bem como documentos cartográficos como mapas da cidade.

Um legado que se quer preservar, pois uma Cidade sem memória, apaga sua história!

¹² Breves notas biográficas:

Alexandra Firmo, Técnica Superior, Divisão de Biblioteca e Arquivo Histórico/Câmara Municipal de Coimbra.

Licenciatura em Serviço Social, Curso de Especialização em Ciências Documentais- opção biblioteca e documentação, Pós-Graduação em Gestão Pública da Cultura e do Património.

Exerce funções na Divisão de Biblioteca e Arquivo Histórico desde 1987. Desde 2008, responsável pelo Gabinete de História da Cidade, coordenando o processo de reunião de todas as publicações de temática coimbrã e tratamento técnico das publicações monográficas e sua arrumação, bem como, o apoio a investigadores da história da cidade.

Jorge Cravo, licenciatura em História e especialização em Ciências Documentais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Bibliotecário na Biblioteca Municipal de Coimbra.

A sua investigação centra-se na Canção de Coimbra, de cuja bibliografia são de destacar as seguintes obras: A Canção de Coimbra em tempos de lutas estudantis (1961-1969). Coimbra: Minerva, 2009; José Afonso: da boémia coimbrã à fraternidade utópica (1940-1969). Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, Departamento de Cultura, Biblioteca Municipal, 2009; Luiz Goes: o neo-modernismo na Canção de Coimbra ou o advento da escola goesiana. Coimbra: Minerva, 2009; Sobre a Canção de Coimbra... Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, Departamento de Cultura, Biblioteca Municipal de Coimbra, 2024.

Apresentação do Volume XLV do Arquivo Coimbrão - Boletim da Biblioteca Municipal

Dina de Sousa (Chefe da DBAH, CMC) | Maria Manuel Almeida (Equipa editorial do Arquivo Coimbrão)¹³

Resumo:

Foi no longínquo ano de 1923 que foi editado o primeiro volume de uma publicação da responsabilidade da Biblioteca Municipal de Coimbra (BMC) – o Arquivo Coimbrão – que tinha como objectivo reunir artigos de investigação sobre a história da cidade e das suas gentes, provenientes de personalidades com reconhecido mérito científico, assim como diversa informação sobre as actividades, fundo documental e perfil de utilizadores da própria Biblioteca, neste caso sob autoria dos seus responsáveis.

Continuando a dar prioridade à edição de estudos originais sobre variadíssimos aspetos da história e da cultura da cidade de Coimbra, em boa hora se normalizaram os pressupostos editoriais, não só para uma uniformização formal dos artigos, mas, igualmente, para melhor se suportar a edição regular e anual desta publicação.

Esses critérios foram publicitados no Portal da Biblioteca Municipal de Coimbra, tendo desafiado cidadãos interessados a enviarem alguns artigos da sua autoria e que agora integram este volume. A estes autores manifestamos o nosso agradecimento pelos preciosos contributos, imprescindíveis para a passagem destes testemunhos.

No sentido de dimensionar a atividade multidisciplinar desta instituição, em 2024, agregou-se também uma agenda que espelha a diversidade da oferta cultural desta Biblioteca.

Com a publicação de mais um número do Arquivo Coimbrão, a Biblioteca Municipal de Coimbra cumpre o desígnio editorial do seu primeiro diretor, Dr. José Pinto Loureiro, “constituindo-se porta-voz da grandeza documental e monumental da cidade e da região (...)”.

¹³ Breves notas biográficas:

Dina de Sousa, Chefe Divisão das Bibliotecas e Arquivo Histórico/ Câmara Municipal de Coimbra. Licenciatura em História, em Ciências Documentais e Mestrado em Políticas Culturais Autárquicas, com a Dissertação, *A Doçaria Conventual de Coimbra - O Segredo das Madres Conserveiras. Contributo para o seu estudo (Séculos XVIII – XIX)*. Tem desenvolvido investigação na área da História da Alimentação, com trabalhos publicados, tendo-lhe sido atribuído, respetivamente, Prémio FOOD WRITING 2019 GOURMAND WORLD COOKBOOK [2018]; Prémio Best Culinary History Book GOURMAND WORLD COOKBOOK [2014].

É membro do projeto DIAITA: Património Alimentar da Lusofonia, Investigadora Colaboradora do CECH, da FLUC.

Maria Manuel Almeida, aposentada foi assistente e técnica superior da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Licenciatura em História, pré-especialização em Arqueologia Romana e mestrado pré Bolonha em História Moderna com a dissertação *As representações do Povo. Portugal século XVII*. Dedicou grande parte da sua vida profissional na FLUC à edição de revistas e livros.

Placing the past: mapping as a medium for exploring our medieval urban heritage

Keith D. Lilley (Queen's University Belfast)¹⁴

Abstract:

Europe was transformed dramatically in the Middle Ages by widespread urbanisation. The impacts and legacies of many newly-created urban centres—and expanded old-established cities—are still with us today. Our historic towns and cities, in so many cases, owe so much to the period between the eleventh and fourteenth centuries. This rich medieval urban heritage is not restricted to a few celebrated tourist destinations. It is to be seen everywhere right across the continent. Drawing out from the modern-day urban landscape the medieval antecedents of a townscape are rendered visible through the medium of mapping. Maps help us to see what a place tangibly looked like at some point in the medieval past, as well as enable us to orientate ourselves to lost and present urban features that characterised these places centuries ago. Using examples of digital mapping projects from over the last twenty years, this lecture addresses the insights gained from mapping for 'placing the past' and for exploring our medieval urban heritage today.

Resumo:

Na Idade Média, a Europa foi dramaticamente transformada pela difusão da urbanização. Os impactos e os legados de muitos centros urbanos recém-criados – e da expansão de antigas cidades estabelecidas – ainda hoje estão connosco. As nossas vilas e cidades históricas, em muitos casos, devem muito ao período entre os séculos XI e XIV. Este rico património urbano medieval não se limita a alguns destinos turísticos célebres. Pode ser visto em todo o continente. A cartografia permite-nos retirar da paisagem urbana atual os antecedentes medievais de uma paisagem urbana. Os mapas ajudam-nos a ver o aspeto tangível de um lugar num determinado momento do passado medieval, bem como a orientar-nos para elementos urbanos perdidos e presentes que caracterizavam esses lugares há séculos. Utilizando exemplos de projectos de cartografia digital dos últimos vinte anos, esta palestra aborda os conhecimentos obtidos através da cartografia para “situar o passado” e para explorar o nosso património urbano medieval atual.

¹⁴ Breve nota biográfica:

O Professor Keith Lilley é um geógrafo histórico do Departamento de Geografia da Queen's University Belfast (Reino Unido). A sua investigação e ensino centram-se nos mapas e nas paisagens, e cruzam a história, a geografia e a arqueologia. Tem uma vasta experiência a liderar projetos de investigação financiados (mais de três décadas) explorando as paisagens históricas de vilas e cidades, bem como a evolução dos mapas e da cartografia. Em 2018, recebeu o Prémio Cuthbert Peek da Royal Geographical Society, “Pelo avanço do conhecimento geográfico através da aplicação de métodos contemporâneos, incluindo SIG e cartografia”. Os seus projetos de investigação financiados incluem “Mapping the Medieval Urban Landscape”, “Mapping medieval Chester: place and identity in an English borderland city, c.1200-1500” e “City Witness: Place and Perspective in Medieval Swansea”. Os seus livros incluem *Urban Life in the Middle Ages: 1000-1450* (Palgrave, 2002); *City and Cosmos: The Medieval World in Urban Form* (Reaktion, 2009) e *Mapping Medieval Geographies* (Cambridge University Press, 2014).

Visitas Guiadas | Orientadoras

Ana Rita Rocha (IHC e IEM, NOVA FCSH, CHSC, FLUC)

Breve nota biográfica:

Ana Rita Rocha é investigadora doutorada no projeto VINCULUM – *Entailing Perpetuity: Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries)*, financiado pelo European Research Council e sediado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Nova de Lisboa. Nos últimos anos, tem lecionado disciplinas de história medieval na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, enquanto Professora Auxiliar Convidada (2021-2024). É doutorada em História Medieval (2019) e mestre em História da Idade Média (2011), pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É investigadora integrada no Instituto de História Contemporânea (NOVA FCSH) e colaboradora no Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH). Investiga os temas da vinculação (morgadios e capelas), da pobreza e da caridade, da assistência aos pobres e doentes em Coimbra e da lepra e dos leprosos na Idade Média.

Luísa Trindade (CHSC, FLUC)

Breve nota biográfica:

Luísa Trindade, doutorada em História da Arte, é Professora Associada com Agregação no Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC-UC), colabora igualmente com O Instituto de Estudos Medievais, da FCSH NOVA. A par da leção de diversas disciplinas de História da Arte e História do Urbanismo (1º, 2º e 3º ciclos de Estudo), tem-se dedicado à investigação sobre a cidade portuguesa (séculos XII a XVI), com especial enfoque na sua estrutura, equipamentos e vivências. A divulgação do Património é também uma das vertentes presentes no seu percurso, com vários projetos realizados no âmbito dos municípios da CIM-CENTRO com destaque para De Roma a Portugal. Do Império ao Reino: uma viagem de 1500 anos pelo Território de Coimbra (2018-2021, com Pedro Carvalho), e Castelos e Murallas Medievais do Mondego (2011 a 2017). Atualmente, é coordenadora científica do Gabinete de Apoio à Gestão do Património da Universidade de Coimbra.

Maria Amélia Álvaro de Campos (CHSC, FLUC)

Breve nota biográfica:

Maria Amélia Campos é investigadora integrada no Centro de História da Sociedade e da Cultura, onde exerce funções de direção. É Professora Convidada do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e leciona nos cursos de Licenciatura e Mestrado, no âmbito da História da Idade Média Portuguesa e Europeia. Defendeu a sua tese de Doutoramento sobre a igreja colegiada de Santa Justa de Coimbra (séculos XII-XV), em dezembro de 2012 (FLUC) e, desde aí, tem desenvolvido investigação sobre paróquias urbanas e comunidades paroquiais laicas e eclesíásticas. Colaborou com diferentes projetos e centros de investigação, como o CIDEHUS (U. Évora), o CRIHAM (U. Limoges) e o LAMOP (U. Paris 1). Integrou a equipa de vários projetos de investigação, financiados por fundos nacionais e internacionais, e dirigiu o projeto exploratório COMMEMORTIS – *O que sobrevive depois da morte? Comunidades paroquiais e estratégias de comemoração dos mortos na cidade medieval* (2021-2024). Presentemente, coordena a parceria do CHSC no consórcio internacional, liderado pela Universidade de Babeş-Bolyai de Cluj-Napoca (Roménia), *RESTORY – Recovering Past Stories for the Future: A Synergistic Approach to Textual and Oral Heritage of Small Communities*, financiado pelo programa europeu HORIZON (2024-2027).



Comissão Organizadora:

Alexandra Firmo

Dina de Sousa

Inês Moura

Jorge Cravo

Luísa Trindade

Margarida Relvão Calmeiro

Maria Amélia Campos

Rui Paiva de Carvalho

Organização:



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA



NO DA
CIDADE
A LER
CONSIGO



CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA



fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/00311/2020

1 2 9 0
INSTITUTO DE CIÊNCIAS
E TECNOLOGIA DE
COIMBRA